

A ORAÇÃO QUE PREVALECE

A ORAÇÃO QUE PREVALECE

—

DWIGHT L. MOODY

Traduzido por Luciana Chagas

MC
mundocristão

Copyright © 2021 por Mundo Cristão

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da *Nova Versão Transformadora* (NVT), da Tyndale House Foundation, salvo as seguintes indicações: *Almeida Revista e Corrigida* (RC), *Almeida Revista e Atualizada*, 2ª edição (RA), e *Nova Almeida Atualizada* (NAA), todas da Sociedade Bíblica do Brasil.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

*CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ*

M81o

Moody, Dwight

A oração que prevalece / Dwight Moody ; tradução
Luciana Chagas. - 1. ed. - São Paulo : Mundo Cristão, 2021.
128 p.

Tradução de: *Prevailing prayer*
ISBN 978-65-5988-010-2

1. Oração. 2. Vida cristã. I. Chagas, Luciana. II. Título.

21-71332

CDD: 248.4
27-584

Leandra Felix da Cruz Candido - Bibliotecária - CRB-7/6135

Edição
Daniel Faria

Revisão
Natália Custódio

Produção e diagramação
Felipe Marques

Colaboração
Ana Luiza Ferreira

Capa
Jonatas Belan

Publicado no Brasil com todos
os direitos reservados por:

Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 69
São Paulo, SP, Brasil
CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147
www.mundocristao.com.br

Categoria: Oração

1ª edição: setembro de 2021

Sumário

<i>Prefácio à edição em português</i>	7
<i>Introdução</i>	9
1. As orações da Bíblia	13
2. Adoração	23
3. Confissão	29
4. Restituição	45
5. Ação de graças	55
6. Perdão	63
7. Unidade	74
8. Fé	81
9. Petição	92
10. Submissão	103
11. Orações atendidas	113

Prefácio à edição em português

“Deus tornou a salvação tão simples que jovens e velhos, sábios e tolos, ricos e pobres, todos podem confiar na graça divina.” Tais palavras, expressas em 1884, sinalizam a convicção que motivou os tantos esforços evangelísticos de Dwight Lyman Moody, um dos grandes nomes da história da igreja não só dos Estados Unidos, mas de todo o mundo cristão: a maravilhosa graça de Deus é para todos, sem distinção de nenhum tipo.

O próprio Moody, aliás, vinha de um contexto simples. Nasceu em Northfield, no estado de Massachusetts, em 1837, de uma família de pedreiros. Adolescente, trabalhou como vendedor de sapatos numa loja de Boston, cujo proprietário, seu tio Samuel, exigia que o jovem Moody frequentasse as aulas da escola dominical. Então, aos 18 anos de idade, mediante a influência de seu professor, Edward Kimball, Moody entregou a vida a Jesus. Começaria ali a trajetória cristã de uma das mais proeminentes figuras religiosas do século 19.

Desde muito cedo, Moody dedicou-se com afincos à missão de alcançar outros — todos os outros possíveis — para a fé em Cristo. Primeiramente como membro da Igreja Congregacional de Plymouth, em Chicago, e depois como líder na igreja que fundou em 1863, a Igreja da Rua Illinois (que teria seu nome mudado para Igreja de Moody após a morte do evangelista), Moody atraía centenas de pessoas aos cultos, incluindo meninos de rua, andarilhos e imigrantes em situação de necessidade. Seus métodos eram à época pouco convencionais:

oferecia doces e brinquedos às crianças e aulas de inglês aos adultos. Ao mesmo tempo, sua experiência como vendedor de sapatos lhe permitia aproximar-se de empresários abastados, que contribuía para alavancar as iniciativas evangelísticas inovadoras de Moody.

Em seus mais de quarenta anos de ministério, até sua morte em 22 de dezembro de 1899, Moody alcançou feitos impressionantes. Como presidente da Associação Cristã de Moços (YMCA, na sigla em inglês), liderou importantes projetos sociais e educacionais num país ainda em recuperação pós-Guerra Civil (1861–1865). Ao lado do cantor Ira David Stankey, promoveu exitosas campanhas de evangelização que atingiram milhões de pessoas, nos Estados Unidos e também na Grã-Bretanha. Hoje, o renomado Instituto Bíblico Moody é resultado de seu patronato à Sociedade Evangelizadora de Chicago, iniciada em 1886. É ele também o responsável pela fundação, em 1894, da Moody Publishers, editora de livros cristãos que ainda hoje abastece leitores em todo o planeta.

A Mundo Cristão tem procurado apresentar ao público brasileiro obras de nomes fundamentais da igreja ao longo dos séculos, e D. L. Moody certamente está mais do que habilitado para merecer a qualificação de clássico da literatura cristã. É com grande alegria, portanto, que publicamos *A oração que prevalece*, uma das principais obras de Moody, escrita originalmente em 1884. Nela, o autor nos lembra de uma verdade basilar: “Não há como crescer em graça e no conhecimento do Senhor Jesus Cristo a não ser que conversemos com ele em oração”.

Acompanhemos Moody nesse belo estudo sobre a oração que prevalece. Boa leitura!

OS EDITORES

Introdução

Os dois meios de graça primordiais e essenciais são a Palavra de Deus e a oração. Por meio delas vem a conversão, pois nascemos de novo mediante a Palavra de Deus, a qual vive e permanece para sempre; e todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo.

Por intermédio delas também crescemos, pois somos exortados a desejar o puro leite da Palavra, o qual possibilita o crescimento; e não há como crescer em graça e no conhecimento do Senhor Jesus Cristo a não ser que conversemos com ele em oração.

É pela Palavra que o Pai nos santifica; mas também somos convocados a vigiar e orar a fim de que não caiamos em tentação.

Esses dois meios da graça devem ser usados na proporção correta. Se lermos a Palavra sem pô-la em prática, podemos nos deixar assoberbar pelo conhecimento, desprovidos do amor que o formou. Se orarmos sem ler a Palavra, podemos vir a ignorar a mente e a vontade de Deus, tornando-nos místicos e fanáticos, suscetíveis ao sopro de qualquer vento de doutrina.

Os capítulos adiante tratam especialmente da oração; mas, para que nossas preces estejam em consonância com a vontade de Deus, elas devem se basear na revelação da vontade dele para nós, pois dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas; e só ouvindo sua Palavra, na qual descobrimos seus propósitos para nós e para o mundo, é que podemos apresentar

orações aceitáveis, rogando por meio do Espírito Santo, pedindo aquilo que é aprazível a seus olhos.

Estes discursos não pretendem ser exaustivos, mas sugestivos. Esse importante assunto foi abordado pelos profetas e pelos apóstolos, e por todos os homens piedosos da história, no mundo inteiro. Minha intenção ao apresentar este breve volume é encorajar os filhos de Deus a buscar, em oração, “mover o Braço que move o mundo”.

D. L. MOODY, 1884

Oração

O propósito da oração é comunicar
As bênçãos que Deus planeja conceder;
Os cristãos devem durante toda a vida orar,
Pois só enquanto oram podem viver.

Em silêncio mortal repousaremos
Estando Cristo à espera de nossa oração?
Minh'alma, um Amigo no céu nós temos;
Levanta-te e busca sua boa e santa mão.

Se a dor aflige e o infortúnio oprime,
Se o cuidado distrai e o medo apavora,
Se a culpa entristece e o pecado aflige,
A solução está à tua frente: Ora!

Dependa de Cristo, e não terás receio;
Não temas; o mérito dele triunfará.
Apresente a ele toda súplica e anseio;
Pede o que quiseres, e assim se fará!

JOSEPH HART

I

As orações da Bíblia

Aqueles que deixaram as maiores marcas nesta terra amaldiçoada pelo pecado foram homens e mulheres de oração. Você descobrirá que a ORAÇÃO é a força poderosa que move não apenas Deus, mas também o ser humano. Abraão era um homem de oração, e os anjos desceram dos céus para conversar com ele. A oração de Jacó foi respondida durante o maravilhoso diálogo em Peniel e resultou em bênção grandiosa, bem como no abrandamento do coração de Esaú; o pequeno Samuel foi resposta à prece de Ana; a oração de Elias manteve os céus fechados por três anos e seis meses, e o profeta orou novamente e os céus deram chuva.

O apóstolo Tiago relata que o profeta Elias era “humano como nós”, sujeito às paixões (Tg 5.17). Agradeço o fato de homens e mulheres tão fortes em oração terem sido pessoas como nós. Tendemos a achar que os profetas, bem como os grandes homens e mulheres de oração que viveram outrora, eram diferentes de nós. É certo que eles viveram em épocas muito mais sombrias, mas suas paixões se assemelhavam às nossas.

Em outro trecho bíblico, lemos que Elias fez cair fogo sobre o monte Carmelo. Os profetas de Baal clamaram em alta voz por um longo período, mas não obtiveram resposta alguma. O Deus de Elias ouviu a oração desse profeta e a atendeu. Lembremo-nos de que esse Deus *é vivo*. O profeta foi trasladado e subiu ao céu, mas seu Deus ainda vive; o acesso que Elias tinha a seu Deus nos está disponível hoje. Temos a mesma

autorização para ir até Deus e pedir que fogo do céu venha consumir nossas cobiças e paixões, queimando toda a nossa impureza e deixando que Cristo brilhe por nosso intermédio.

Eliseu orou, e a criança morta tornou a viver. Muitos de nossos filhos estão mortos em pecados e transgressões. Sigamos o exemplo de Eliseu e roguemos a Deus que os faça reviver em resposta às nossas orações.

Manassés, o rei, era um homem mal e fazia todo o possível para contrariar o Deus de seu pai; contudo, estando na Babilônia, clamou a Deus e teve sua súplica ouvida, sendo tirado da prisão e entronizado em Jerusalém. É certo que, tendo acatado a oração do perverso Manassés, Deus ouvirá também as nossas quando a angústia nos abater. Acaso não é verdade que um grande número de irmãos nossos vem enfrentando tempos angustiantes? Não há, entre nós, tantos cujo coração está sobrecarregado? À medida que nos dirigimos ao trono da graça, devemos lembrar que DEUS RESPONDE ÀS ORAÇÕES.

Observe Sansão: ele orou e recobrou as forças a ponto de abater mais inimigos ao morrer do que enquanto era vivo. Antes desviado, ele foi regenerado e encontrou poder em Deus. Se os perdidos retornarem a Deus, eles verão quão rapidamente o Senhor responde à oração.

Jó orou, e seu cativo foi transformado. Houve luz no lugar de escuridão, e Deus o ergueu para além da prosperidade que ele outrora desfrutara, e fez isso em resposta à oração.

Daniel orou a Deus e soube, por meio de Gabriel, que era um homem muito querido para o Senhor. Por três vezes essa informação lhe veio do céu, como resposta de oração. Os segredos celestiais foram partilhados com Daniel, que tomou ciência de que o Filho de Deus seria morto pelos pecados do povo de Deus. Também constatamos que, quando Cornélio orou, Pedro lhe foi enviado com palavras mediante as quais

o próprio Cornélio e as pessoas de seu convívio seriam salvos. Em resposta à oração, essa grande bênção veio sobre o lar de Cornélio. Numa tarde, havendo subido ao terraço para orar, Pedro teve a maravilhosa visão de um lençol que descia do céu. Quando se orou a Deus sem cessar em favor de Pedro, o anjo foi incumbido de salvar o apóstolo.

Assim, ao longo de toda a Escritura, constatamos que, quando nossa oração fiel sobe a Deus, a resposta desce até nós. Penso que este estudo será bem interessante se examinarmos a Bíblia observando o que aconteceu nas ocasiões em que o povo de Deus clamou de joelhos diante dele. Certamente, essa investigação fortalecerá nossa fé de maneira considerável, revelando, como é de se esperar, que Deus ouviu e providenciou resgate quando o clamor por socorro subiu até ele.

Observe Paulo e Silas na prisão em Filipos. Conforme eles oraram e entoaram louvores, o local estremeceu e o carcereiro se converteu. Provavelmente, no que diz respeito ao alcance de pessoas para o reino de Deus, essa foi a conversão mais eficaz dentre todas aquelas registradas na Bíblia. Quantos foram abençoados pela pergunta “Que devo fazer para ser salvo?” (At 16.30). Foi a oração daqueles dois homens piedosos que fez o carcereiro cair de joelhos e o abençoou, bem como a seus familiares.

Você deve se lembrar de como Estêvão, ao orar e olhar para o alto, viu os céus abertos e o Filho do Homem à direita de Deus; a luz celeste cobriu-lhe o rosto, fazendo-o brilhar. Deve se lembrar, ainda, de como a face de Moisés brilhava quando ele desceu do monte; ele estivera em comunhão com Deus. Portanto, quando de fato temos comunhão com Deus, seu semblante se ergue sobre nós; assim, em vez de exibir uma feição sombria, nosso rosto brilha, porque Deus ouve nossas preces e responde a elas.

Quero chamar especial atenção para Cristo como exemplo para nós em todos os aspectos, sobretudo na oração. Lemos que Cristo orou ao Pai acerca de todas as coisas. Cada grande crise que enfrentou foi precedida por oração. Deixe-me citar algumas passagens. Foi somente há uns poucos anos que me dei conta de que Cristo orava quando foi batizado. Enquanto ele clamava, o céu se abriu, e o Espírito Santo desceu sobre ele. Outra ocasião importante em sua vida foi a transfiguração: “Enquanto ele orava, a aparência de seu rosto foi transformada, e suas roupas se tornaram brancas e resplandecentes” (Lc 9.29).

Lemos também: “Certo dia, pouco depois, Jesus subiu a um monte para orar e passou a noite orando a Deus” (Lc 6.12). Essa é a única passagem que registra que o Salvador passou uma noite inteira orando. O que estava por acontecer? Quando desceu da montanha, ele reuniu os discípulos à sua volta e pregou o grande discurso conhecido como Sermão do Monte, o mais formidável sermão já pregado aos mortais. Possivelmente nenhum outro sermão resultou em tamanho benefício, ainda mais tendo ocorrido depois de uma noite de oração. Se queremos que nossos sermões alcancem o coração e a consciência das pessoas, devemos orar a Deus muito mais, a fim de que a palavra seja acompanhada de poder.

No Evangelho de João, lemos que, diante do túmulo de Lázaro, Jesus ergueu os olhos ao céu e disse: “Pai, eu te agradeço porque me ouviste. Tu sempre me ouves, mas eu disse isso por causa de todas as pessoas que estão aqui, para que elas creiam que tu me enviaste” (Jo 11.41-42). Perceba que, antes de chamar o morto à vida, Jesus falou com o Pai. Se a intenção é erguer os mortos que estão entre nós, primeiro devemos buscar poder em Deus. A razão pela qual tão frequentemente falhamos em persuadir o próximo é que tentamos ganhá-lo sem antes

obter poder em Deus. Jesus estava em comunhão com o Pai e, por isso, tinha a garantia de que suas orações eram ouvidas.

Lemos mais uma vez, em João 12, que Jesus orou ao Pai. Acho que esse é um dos capítulos mais tristes de toda a Bíblia. Jesus estava prestes a deixar a nação judaica e a expiar o pecado do mundo. Atente para o que ele diz: “Agora minha alma está angustiada. Acaso devo orar ‘Pai, salva-me desta hora?’ Mas foi exatamente por esse motivo que eu vim!” (Jo 12.27). Ele já estava quase à sombra da cruz; as iniquidades humanas logo seriam depositadas sobre ele; um de seus doze discípulos o negaria e juraria nunca havê-lo conhecido; outro o venderia por trinta moedas de prata; todos fugiriam, deixando-o para trás. A alma de Jesus experimentava imensa tristeza, e ele orou; quando a alma de Jesus se angustiava, Deus falava com ele. Então, no jardim do Getsêmani, enquanto orava, Jesus foi visitado por um anjo que o fortaleceu. Em resposta ao clamor “Pai, glorifica teu nome!”, ele ouve uma voz proveniente da glória celeste: “Eu já glorifiquei meu nome, e o farei novamente em breve” (Jo 12.28).

Outra prece memorável de nosso Senhor ocorreu no Getsêmani: “Afastou-se a uma distância como de um arremesso de pedra, ajoelhou-se e orou” (Lc 22.41). Chamo sua atenção para os quatro registros de respostas vindas diretamente do céu enquanto o Salvador orava a Deus. A primeira vez aconteceu durante seu batismo, quando os céus se abriram e o Espírito desceu sobre ele em resposta à oração que fazia. Deus novamente lhe apareceu e falou no monte da transfiguração. Então, quando os gregos quiseram ver Jesus, ouviu-se a voz de Deus respondendo à petição do Filho; e, mais uma vez, estando em agonia, Jesus clamou ao Pai e houve resposta direta. Não tenho dúvida de que esses fatos estão registrados a fim de que sejamos encorajados a orar.

Lemos que os discípulos vieram a Jesus e disseram: “Senhor, ensine-nos a orar” (Lc 11.1). Não há registro de que ele lhes tenha ensinado como pregar. Costumo afirmar que prefiro saber orar como Daniel a pregar como Gabriel. Se em sua alma houver amor tal que a graça de Deus venha como resposta às suas orações, você não terá dificuldade para alcançar as pessoas. Não é mediante sermões eloquentes que se alcançam almas perdidas; é preciso que haja poder divino para que as bênçãos desçam do céu.

A oração que nosso Senhor ensinou a seus discípulos é comumente chamada de Oração do Senhor. Acredito que a oração de Jesus propriamente dita é aquela reproduzida em João 17, a mais longa de suas orações conhecidas. É possível lê-la demorada e cuidadosamente em cerca de quatro ou cinco minutos. Creio que há uma lição aqui. As orações de nosso Mestre eram breves quando proferidas em público; mas, quando ele estava a sós com Deus, a coisa era diferente: ele era capaz de passar uma noite inteira em comunhão com o Pai. Por experiência, digo que aqueles que apresentam a maior parte de suas preces em seu próprio quarto costumam fazer orações curtas quando estão em público. Em muitos casos, preces extensas não são orações de fato e costumam deixar as pessoas enfadadas. Note a brevidade da oração do publicano: “Deus, tem misericórdia de mim, pois sou pecador” (Lc 18.13). A mulher siro-fenícia foi ainda mais concisa: “Senhor, ajude-me!” (Mt 15.25); ela foi direto ao ponto e obteve o que queria. A oração do ladrão na cruz foi curta: “Jesus, lembre-se de mim quando vier no seu reino” (Lc 23.42). A prece de Pedro foi: “Senhor, salva-me” (Mt 14.30). Portanto, se você examinar as Escrituras, verá que as orações que tiveram resposta imediata foram, em geral, breves. Que nossas preces sejam objetivas e falemos a Deus tão somente aquilo que desejamos.

Na oração de Jesus descrita em João 17, vemos que ele fez sete pedidos: um em favor próprio, quatro pelos discípulos que o acompanhavam e dois pelos que o seguiriam futuramente. Por seis vezes nessa oração, ele repete que foi Deus quem o enviou. O mundo considerava Jesus um impostor, e ele desejava que soubessem que fora enviado do céu. Jesus fala nove vezes sobre o mundo, e por cinquenta vezes menciona seus discípulos e aqueles que nele creem.

A última oração de Cristo, na cruz, foi rápida: “Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que fazem” (Lc 23.34). Creio que essa prece foi atendida. Vemos que bem ali, diante da cruz, um centurião romano se converteu, provavelmente em resposta à oração do Salvador. A conversão do ladrão, penso eu, foi resposta à oração de nosso bendito Senhor. Saulo de Tarso talvez tenha escutado essa oração, e tais palavras podem ter-lhe feito companhia enquanto ele viajava para Damasco; então, quando o Senhor o interpelou no meio do caminho, ele pode ter reconhecido a voz divina. De uma coisa sabemos: no dia de Pentecostes, alguns dos inimigos do Senhor se converteram. Por certo, isso foi resposta à oração “Pai, perdoa-lhes!”.

Assim, vemos que a oração é um dos mais elevados exercícios da vida espiritual. O povo de Deus sempre foi um povo de oração. Olhe, por exemplo, para Richard Baxter! Ele arejou sua agenda acadêmica com períodos de oração; e, tendo sido ungido pelo poder do Espírito Santo, deu vazão a um rio de água viva que cobriu a cidade inglesa de Kidderminster, levando centenas à conversão. Lutero e seus colegas eram homens cujas súplicas se mostraram tão poderosas diante de Deus que eles romperam a maldição vinda de eras anteriores e conduziram aos pés da cruz nações até então subjugadas. John Knox agarrou a Escócia com seus vigorosos braços de fé, e suas orações aterrorizaram tiranos. Depois de muita petição santa

e sincera, George Whitefield foi até a feira do diabo e, em um único dia, arrancou das garras do leão mais de mil almas. Veja o clamoroso John Wesley levar mais de dez mil almas ao Senhor! Olhe para o suplicante Charles Finney, cujas preces, fé, sermões e escritos sacudiram todo o país e fizeram que uma onda de bênçãos atravessasse igrejas situadas dos dois lados do oceano.

O dr. Guthrie afirma o seguinte sobre a oração e por que ela é necessária:

O primeiro indício autêntico de uma vida espiritual, a oração, é também aquilo que a mantém. O homem consegue viver fisicamente sem respirar tanto quanto consegue viver espiritualmente sem orar. Há uma classe de animais — os cetáceos, os quais não são nem peixes nem aves marinhas — que habitam regiões profundas. Ali é a casa deles, de onde jamais saem para ir até a orla; apesar disso, embora nadem sob as ondas e desçam às profundezas escuras, vez ou outra eles têm de subir à superfície a fim de obter ar. Sem isso, esses monarcas do mar profundo não existiriam no denso elemento em que vivem, se movem e existem. O que a esses animais é imposto por uma necessidade física, o cristão deve fazer por necessidade espiritual. É ascendendo regularmente a Deus, elevando-se mediante oração até um lugar mais sublime e puro a fim de obter graça divina, que o cristão sustenta sua vida espiritual. Impeça que aqueles animais subam à superfície, e eles morrerão por falta de ar; impeça que o cristão suba a Deus, e ele morrerá por falta de oração. “Dê-me filhos”, clamou Raquel, “ou morrerei” (Gn 30.1). “Deixe-me respirar”, diz o homem sufocado, “ou morrerei.” “Deixe-me orar”, diz o cristão, “ou morrerei.”

“Desde que comecei a suplicar pela bênção de Deus sobre meus estudos”, disse o dr. Payson quando era estudante, “tenho